

VIDA ARTE

por Oscar D'Ambrosio

Maria Papadimitriou

Um museu para todos

Imagine um cenário em que automóveis abandonados, móveis velhos e pneus usados se acumulam num ambiente repleto de cores quentes. Homens, mulheres e crianças vivem nesse local, considerado de passagem, desenvolvendo uma cultura própria, com ricas manifestações artísticas e vivenciais.

Esse universo, situado em Avliza, área deteriorada na parte ocidental de Atenas, a 10 km do centro da capital - habitado por populações itinerantes de ciganos e romenos que se deslocaram da Valáquia, no norte da Grécia - motivou o projeto Museu Autônomo Temporário para Todos (Temporary Autonomous Museum for All - T.A.M.A.), apresentado como representação oficial da Grécia na 25ª Bienal de São Paulo, realizada em 2002.

A região, localizada no sopé do monte Parnaso, um dos mais célebres da Grécia, justamente por ser considerada um ponto de inspiração dos poetas, conta com aproximadamente 350 pessoas. A descoberta da região pela artista foi acidental e

ocorreu quando ela a visitou pela primeira vez, em 1998, com dois amigos, procurando móveis antigos a preços baratos.

Papadimitriou, porém, logo ficou atraída não só pelas antiguidades, mas pela mencionada riqueza cultural e visual. O caráter provisório de Avliza lembra um cenário de acampamento de guerra, principalmente por elementos característicos de locais de passagem, como combinações inusitadas de roupas, construções precárias e convivência de grande variedade de etnias e profissões.

Articula-se assim um universo especial, mas não único em escala mundial, que se insere no processo global de alargamento da periferia das capitais. Os moradores dessas regiões enfrentam problemas similares em relação a condições de alojamento, ausência de estrutura básica de higiene, deficiências de ensino, ilegalidade em termos jurídicos e, principalmente, marginalidade pelo preconceito social, que impede a aceitação daqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos pela globalizada sociedade de consumo.

O nomadismo dos habitantes de Avliza dificulta o estabelecimento de uma memória dos habitantes dessa área metropolitana periférica. Papadimitriou teve então a idéia e a iniciativa concreta de estabelecer um intercâmbio entre os habitantes provisórios da região, os artistas locais e o público externo.

Essas três instâncias (moradores, artistas locais e interessados em conhecer o modo de vida do local) acabam por se unir pela criatividade demonstrada no momento de enfrentar dificuldades. Os moradores de Avliza necessitam estar sempre prontos para o imprevisto pela sua própria condição de marginalidade em relação a Atenas e, nesse processo, valem-se de princípios caros aos artistas e aos defensores da liberdade de expressão: o poder da improvisação e de não se abater mesmo perante as situações mais difíceis.

O projeto do T.A.M.A. recebe hoje, dentro dessa filosofia, o apoio dos mais variados segmentos sociais, desde artistas populares locais até críticos de arte, arquitetos, sociólogos e antropólogos. Papadimitriou coordena todos esses

esforços e conta com o auxílio inclusive de uma brasileira, Fabiana de Barros, com seu projeto "Fiteiro Cultural", obra artística coletiva em que os participantes são, simultaneamente, atores e espectadores de um processo de conhecimento interior e de busca de completude no outro.

O resultado é a possibilidade de reatar laços culturais com as próprias raízes e o conhecimento de outras culturas, numa ação que combate qualquer tipo de preconceito, seja ele étnico, religioso ou comportamental. Por intermédio do diálogo constante busca-se preservar a identidade e ampliar a visão de mundo numa perspectiva que valorize o coletivo sem desrespeitar o individual.

Rebatizado de Períptero de Cultur, o projeto de Fabiana ilustra bem a proposta do T.A.M.A de criar, em Avliza, atividades educativas e simbólicas que levem a comunidade a interagir. É criada assim uma forma de diálogo permanente em que o principal objetivo é criar laços que mantenham as pessoas em contato e evitem que diversas atividades artísticas e culturais caiam no esquecimento.

Dentro do projeto de Papadimitriou, uma das prioridades é criar locais de mobilidade e de adaptação social próprios ao combate da situação marginal imposta àqueles que, por morarem à parte do centro de Atenas, são rejeitados e até mesmo perseguidos pela sociedade, com seus poderosos enquadramentos institucionais.

Autônomo, por incluir habitantes de uma região determinada, e provisório, pelo nomadismo de seus participantes, o T.A.MA. propicia, de maneira concomitante, a criação de uma memória, a continuação das atividades culturais existentes em Avliza e uma renovação plena de dinamismo. Tudo isso é feito sem descaracterizar o local. Não se procura embelezar o que parece hoje feio ou planejar uma utopia cor-de-rosa, mas sim estabelecer espaços de troca cultural em que as pessoas, os objetos e as cores existentes se aglutinem.

Artista e comunidade podem, dessa maneira, integrar-se plenamente, seguindo o

pressuposto da palavra T.A.M.A., que, em grego, significa tanto uma oferta realizada aos deuses como um voto, ou seja, a promessa feita a um ser divino de um presente se algum pedido for aceito.

As fotos que Papadimitriou trouxe à Bienal de São Paulo revelam imagens de grande impacto estético. Há toalhas coloridas penduradas na varanda de uma casa branca, além de numerosos registros de moradias provisórias, muitas delas cercadas por cenários de destruição, com muito lixo. Trailers em péssimo estado de conservação e barracos precários construídos com madeira compensada completam esse ambiente, que mistura o fascínio do itinerante com o sombrio ar de decadência existencial próprio das áreas periféricas metropolitanas.

O grande ensinamento que a proposta do T.A.M.A. traz é como não se deve perder a oportunidade de registrar manifestações culturais, por mais estranhas ou efêmeras que elas possam parecer. Maria Papadimitriou, ao desempenhar esse trabalho, cativa a nossa atenção. Em suas mãos, a região de Avliza se torna um território que desejamos explorar, pela sua riqueza humana, visual ou cultural, mas, principalmente, pela possibilidade de encontrar ali uma civilização perdida, na qual ciganos e romenos se encontram, talvez brevemente em termos físicos, mas que, por meio do T.A.M.A., pode se cristalizar em momentos inesquecíveis ou, pelo menos, fotografias deslumbrantes, como as exibidas na Bienal de São Paulo de 2002, plenas de valor antropológico, social e estético.

Oscar D'Ambrosio, jornalista, integra a Associação Internacional de Críticos de Arte (Aica) e é autor de *Os pincéis de Deus: vida e obra do pintor naif Waldomiro de Deus* (Editora Unesp).